

Uma carta inédita de Euclides da Cunha¹

Walnice Nogueira Galvão
Profª Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da
Universidade do Estado de São Paulo

RESUMO

Ocupa grande lugar na correspondência ativa de Euclides da Cunha o epistolário de cunho pessoal, que dirigiu a amigos. Dois destes se destacam pela assiduidade: Francisco de Escobar e Reinaldo Porchat, que já eram seus companheiros antes que ele se tornasse famoso e que manteriam acesa a chama da amizade pela vida afora. Após a publicação de *Os sertões*, Euclides veria ampliado o âmbito de seus missivistas, passando a se corresponder com um vasto número de pessoas que figuravam entre os intelectuais mais importantes do país à época. Um deles foi José Veríssimo, cujas cartas, analisadas em seu conjunto, permitem contextualizar esta carta inédita.

Abstract

Euclides da Cunha's personal "epistolary"* that was sent to friends takes a great place in his active personal correspondence. Two of them were considered most frequent correspondents: Francisco de Escobar e Reinaldo Porchat, who were his companionships before Euclides became famous and who would keep, throughout life, the flame of their friendship on.

After the publication of "Os Sertões", Euclides had his correspondence scope enlarged, starting to correspond with a great number of people who represented the most exponent intellectuals of the country at that time. One of them was José Veríssimo, which letters, analyzed in its collection, allowed to contextualize this unpublished letter.

¹ Devemos o conhecimento desta carta à gentileza do Dr. Jorge Veríssimo, do Rio de Janeiro, neto de José Veríssimo, a quem agradecemos.

* Epistolary: letter written by the apostles to the faithful ones.

As relações pessoais comportam vários graus na correspondência ativa de Euclides da Cunha. Os dois destinatários campeões são Francisco de Escobar (1865-1924) e Reinaldo Porchat (1868-1953), amigos adquiridos antes que o escritor ficasse famoso e que manteriam acesa a chama da amizade pela vida afora.

Com Porchat o contacto foi anterior, quando Euclides começou a freqüentar o cenáculo de militantes republicanos do jornal *A Província* (depois *O Estado*) de São Paulo ainda na vigência do Império, ao passar uns tempos na capital paulista, onde arribara impelido por circunstâncias adversas. Acabara de ser expulso da Escola Militar da Praia Vermelha por um ato de insubordinação, que se integrava na agitação republicanista e abolicionista em que tanto alunos quanto professores se empenhavam no período.

Mais tarde, Porchat, que era advogado de formação, galgaria os degraus de uma ilustre carreira política e logo integraria o congresso constituinte estadual em 1900, enquanto Euclides era preterido². Depois, seria catedrático na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. E viria a ser, sempre devido a seus méritos, é claro, mas também por pertencer à confraria do jornal, o primeiro reitor da Universidade de São Paulo, criada em 1934, iniciativa de que Júlio Mesquita participaria e da qual faria campanha nas páginas de seu periódico.

Quanto a Francisco de Escobar, ocupa o lugar não só de correspondente mais assíduo como também o de amigo mais chegado. Homem público mineiro, reputado pela erudição, possuía biblioteca bem municiada que muito serviu a Euclides para consultas. Travaram conhecimento quando Euclides, na qualidade de engenheiro do departamento de obras públicas do estado de São Paulo, chegou a São José do Rio Pardo em 1898 para reconstruir a ponte sobre o Rio Pardo, que uma enchente levara de roldão; a que a substituiu ainda lá está. Ali escreveria a maior parte de *Os sertões*, numa cabana a beira-rio – preservada e hoje lugar de memória -, enquanto supervisionava os trabalhos de engenharia..

Escobar, republicano da primeira hora, foi Intendente nessa cidade e mais tarde seria prefeito de Poços de Caldas, bem como senador estadual em Minas Gerais. Nunca desistiria, apesar de seus esforços serem baldados, de tentar encaminhar o amigo dileto para a carreira política. Não só trocaram cartas freqüentes e afetuosas, como ainda Euclides, depois que foi embora de São José do Rio Pardo, lhe confienciava coisas deste teor: “Agora, um grande, um sério, um reservadíssimo favor. Tão reservado que

² A Reinaldo Porchat. São José do Rio Pardo, 2 de dezembro de 1900. Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti, *Correspondência de Euclides da Cunha*, São Paulo, Edusp, 1997, p. 121.

te peço não o boquejes nem mesmo junto ao ouvido da tua filhinha mais nova. Lá vai: constou-me (não preciso dizer quem foi o desalmado) que há no encontro direito, - lado do Pompeu, - da ponte, uma frincha descendo por todo ele até embaixo. Imagina como fiquei, e quanto cabelo branco vai-me nascendo dentro desta ansiedade... “E prossegue, pedindo o laudo pessoal do amigo: “Quero que, - com a tua cautela habitual, sem que ninguém o perceba, - observes aquilo, e indique-me, num esboço qualquer, o lugar, as dimensões aproximadas da coisa, e se é visível e se ameaça aumentar, ou se é um recalque comum nestas obras. Não és engenheiro, mas, que diabo, - também estas coisas não são tão transcendentales...”³ Tranqüilizado em seus escrúpulos profissionais, começa a carta seguinte⁴ com um agradecimento a Escobar e já passa a outras matérias.

Mas Euclides ainda viria a ter vários outros correspondentes, dentre os intelectuais do país, aos quais enviou um epistolário seletivo. Nos últimos anos de vida, e praticamente até sua morte a 15 de agosto de 1909, um dos destinatários a receber o maior número de missivas, aliás longas e discutindo tanto idéias quanto livros, foi Oliveira Lima (1867-1928), historiador e diplomata, então embaixador em Washington, autor de *D. João VI no Brasil*, que Euclides leu e comentou. Os demais incluem Max Fleiuss, Gastão da Cunha, Alberto Rangel, Coelho Neto, João Luís Alves, Henrique Coelho, Domício da Gama, Vicente de Carvalho, etc., dentre os contumazes.

Entre esses se situa José Veríssimo (1857-1916), o paraense membro da santíssima trindade da crítica literária da época, ao lado de Sílvio Romero e Araripe Jr. Esta carta a José Veríssimo se inscreve nas gestões de Euclides para conseguir publicar seu livro. Uma menção indireta já tivera Escobar por objeto, quando o missivista comenta o quanto lhe foram úteis os préstimos do crítico: “Estive no Rio. E lá deixei entregue ao Laemmert, os meus *Sertões* título que dei ao livro que aí te li em parte. O contrato que fiz, não precisava dizer, foi desvantajoso – embora levasse à presença daqueles honrados saxônios um fiador de alto coturno, José Veríssimo – de quem sou hoje devedor, pela extraordinária gentileza com que me tratou.”⁵ Esta carta foi escrita um dia depois daquela em que agradece a Veríssimo, e que aqui vai estampada.

Como se pode ler abaixo, Euclides agradece pessoalmente ao crítico o favor que lhe fez, empenhando o prestígio de seu nome. Mais tarde, em outra oportunidade, mostraria seu reconhecimento tanto por isso quanto pelo longo e precoce estudo da pena de Veríssimo sobre *Os sertões*: “... ao sr. devo o favor da apresentação do meu

³ A Francisco Escobar. Lorena, 10 de agosto de 1902. *Id., ibid.*, p. 136.

⁴ Ao mesmo. Lorena, 14 de agosto de 1902. *Id., ibid.*, p. 137.

⁵ Ao mesmo. Lorena, 25 de dezembro de 1901. *Id., ibid.*, p. 129.

nome, então obscuro, à sociedade inteligente da nossa terra, amparando-o com extraordinária generosidade.⁶

Do mesmo modo, como mostra a epistolografia, Euclides solicitaria a Veríssimo que fosse cabo eleitoral de sua candidatura, afinal vitoriosa, à Academia Brasileira de Letras.⁷ Mais tarde, seria a ele e a Oliveira Lima que Euclides pediria que indicassem seu nome ao barão do Rio Branco, para obter a posição que ambicionava, a de chefe da Comissão de Reconhecimento ao Alto Purus.⁸

Elevam-se a pouco mais de uma vintena as missivas conhecidas a Veríssimo. Os dois cartões postais abaixo (um de Vitória, 14 de dezembro de 1904, e o outro de Recife, 19 de dezembro de 1904), prendem-se a circunstâncias diferentes. A bordo do *Alagoas*, em que embarcara no dia 13 desse mês, Euclides viajava do Rio a Manaus, onde desembarcaria no dia 30, para assumir a chefia da Comissão, tarefa que o reteria longe do Rio de Janeiro por mais de um ano. Dos portos em que o navio fundeava ia mandando cartões postais a seus amigos. Desse percurso receberam-nos, entre outros, Machado de Assis, Rodrigo Otávio, Henrique Coelho, Oliveira Lima (neste caso, um cartão de visita), sendo que Veríssimo teve direito a dois.

Desde a primeira missiva, passariam a se corresponder, se não com frequência, ao menos esporadicamente, fato que em boa parte se deve à transferência de Euclides para o Rio, no segundo semestre de 1904. A partir daí, portanto, conviviam e se falavam pessoalmente, não havendo oportunidade para epistolografia. É o que prova a temporada amazônica, quando a troca de cartas se intensificou, suscitada inclusive pelo fato de Veríssimo ser paraense.

Uma última carta, datada de 1908, mostra Euclides tentando desfazer uma intriga ou inconfidência, jurando a Veríssimo que quando aludiu a “um crítico reportado e sabedor” não se referia a ele...⁹ Seja como for, afora todos os outros apoios solicitados e concedidos, José Veríssimo detém o título de ter sido o primeiro a escrever uma crítica quando do lançamento de *Os sertões*, em artigo publicado no dia 3 de dezembro de 1902, nas páginas do *Correio da Manhã*.

* * * * *

⁶ A Veríssimo. Lorena, 12 de junho de 1903. *Id., ibid.*, p. 166.

⁷ Ao mesmo. São Paulo, 4 de julho de 1903. *Id., ibid.*, p. 169.

⁸ Ao mesmo. Guarujá, 24 de junho de 1904. *Id., ibid.*, p. 207.

⁹ Ao mesmo. Rio, 6 de janeiro de 1908. *Id., ibid.*, p. 347.

“Lorena,24-12-1901.

Exmo. Sr. José Veríssimo,

Saúdo-o e a toda a Exma. família. Ao chegar aqui, fui obrigado a partir logo em comissão urgente até aos Campos do Jordão. Daí a demora em lhe agradecer a grande gentileza com que aí me acolheu e o eficaz amparo que deu à minha pretensão. Esta foi, afinal, satisfeita: contratei, embora em condições pouco vantajosas, a impressão dos Sertões, com Laemmert; devendo, por uma das cláusulas, estar pronto e entregue a publicidade, o livro, em fins de abril do ano vindouro. Está, assim, satisfeita uma aspiração que significa apenas o intuito de dizer a verdade sobre uma fase, ainda [...], da nossa história. Repito: não me preocupo com o destino literário daquele livro que é, afinal, um desgarrão na rota da minha engenharia rude; ele tem o mérito único da sinceridade; é o depoimento de uma testemunha e terá extraordinário valor se conseguir fornecer a futuros historiadores uma página única – mas verídica e clara.

Terminando, peço que acredite na mais elevada consideração de quem é seu

Patrício e admirador

Euclides da Cunha”

* * * * *

“Primeira escala da minha peregrinação arrojada: entre os capixabas...

Euclides

Vitória 14-12-904”

(Cartão postal. Anverso: fotos de negros do Espírito Santo, dentre os quais alguns músicos com seus instrumentos)

* * * * *

“Saudades

Recife 19-12-904

Euclides”

(Cartão postal. Anverso: Igreja da Penha, em Pernambuco)